



LUSITANAS E CONTEMPORÂNEAS

*As bienais BoCA e de Coimbra agitam o cenário artístico de quatro
cidades portuguesas em 2019 por Julia Flamingo*

UMA INSTALAÇÃO DA sérvia Marina Abramovic, músicas produzidas pelo alemão Wolfgang Tillmans, uma performance de *pole dance* concebida pelos americanos Gerard & Kelly e coral *gospel* de Yolanda Norton que celebra a musa *pop* Beyoncé. Essas são algumas das atrações da BoCA – Biennial of Contemporary Arts, que está apenas em sua segunda edição e já está dando o que falar em Portugal.

Espalhada por três cidades lusitanas – Lisboa, Porto e Braga –, a Bienal acontece até o fim de abril e é multidisciplinar: reúne não só artistas visuais, como também autores, atores, *performers*, dramaturgos, bailarinos, arquitetos e coreógrafos num festival que tem o corpo como elemento central. Para o português John Romão, idealizador do evento, faz cada vez menos sentido categorizar trabalhos artísticos e seus autores nas diferentes linguagens. Na BoCA, um coreógrafo mundialmente famoso, como o alemão William Forsythe, tem espaço para mostrar seu trabalho em escultura e um autor consagrado, como o português Gonçalo M. Tavares, ganha licença poética para testar suas aptidões em performance.

Ator e diretor de teatro, Romão foi assistente do dramaturgo argentino Rodrigo García durante 11 anos e pôde participar de eventos artísticos no mundo todo com as mais diferentes lógicas de programação. “Percebia que há cada vez mais criativos trabalhando no diálogo entre territórios, mas, em Portugal, havia sempre uma separação em nível institucional: peças no teatro, quadros no museu, apresentações musicais em casas de show. Ainda estamos muito focados na especialização. E tudo o que é produzido na intersecção entre essas expressões?”, pergunta o curador, de 35 anos. Seguindo esse pensamento, ele fundou a BoCA em 2017, e o sucesso retumbante da primeira edição levou os mais diferentes espaços culturais (“e, por culturais, também considero igrejas e discotecas”, explica John) a toparem receber o festival. Este ano, 50 artistas de todo o mundo são recebidos em 37 diferentes espaços espalhados pelas três cidades.

Se Lisboa, Porto e, neste ano, a pequena Braga têm seus cenários artísticos ainda mais agitados por causa da BoCA, a Bienal de Coimbra, que acontece em novembro e dezembro deste ano, é responsável por trazer a arte contemporânea para uma



1. *Alignigung*, do coreógrafo William Forsythe
 2. Vídeo da instalação *Spirit House*, de Marina Abramovic
 3. Performance *State of*, de Gerard & Kelly
 4. *De la serie CD III*, de Juan Araujo
 5. *Compromisso*, de Pedro Barateiro. Na pág. ao lado, cena da performance *Bombyx Mori*, da polonesa Ola Maciejewska

das cidades mais tradicionais de Portugal. Coimbra é celebrada principalmente por seus monumentos antigos – o que ficou ainda mais evidente em 2013, com a designação da Universidade de Coimbra, fundada em 1290, como Patrimônio Mundial da Unesco. A Bienal de Coimbra (também chamada de Anozero) organiza sua 3ª edição com a missão de mostrar que a cidade tem um pé no presente e no futuro, além do passado glorioso.

“A arte contemporânea questiona o que é o patrimônio, coloca em xeque seus limites e propõe uma ativação alternativa do espaço e da memória”, conta Carlos Antunes, arquiteto, professor e diretor da Bienal. Desde a última edição do evento, em 2017, ele propôs a ocupação do Mosteiro de Santa Clara como epicentro do evento. O edifício do século 17 (com corredores que chegam a ter 200 metros de extensão!) não era conhecido por muitos dos próprios moradores de Coimbra, já que virou um quartel militar e está abandonado desde 2006. “Promovemos um encontro da população e dos visitantes com os monumentos da cidade. Com isso, nós também alimentamos discussões sobre a revitalização dos nossos edifícios”, acrescenta Carlos.

Quem assina a curadoria da próxima edição é o brasileiro Agnaldo Farias. Atual curador do Museu Oscar Niemeyer, em Curitiba, ele comandou a 29ª Bienal de São Paulo, em 2010. Agora, enfrenta um desafio menor, nas proporções de uma cidade interiorana de 150 mil habitantes. Agnaldo já visitou Coimbra quatro vezes nos últimos meses e deve se mudar para lá no segundo semestre, quando será, também, professor convidado da universidade.

O curador trabalha atualmente numa lista de cerca de 45 artistas com obras espalhadas por dez monumentos da cidade. Entre eles, estão os brasileiros Marilá Dardot, José Bechara, Laura Vinci, Erika Verzutti e Daniel Melim. O título também já foi decidido: *Terceira Margem*. “O Rio Mondego tem uma importância muito grande para a cidade. O título da Bienal faz alusão ao conto *A Terceira Margem do Rio*, de Guimarães Rosa, que eu tanto gosto e que me persegue”, conta o curador. “E a arte contemporânea é a margem mais avançada, a terceira margem, da nossa sensibilidade e, em consequência, da nossa expressão.” ■